

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## NOVA ACHEGA PARA O CONHECIMENTO DA JOALHARIA PRIMITIVA.

FERREIRA, O. da Veiga

Ano: 1974 | Número: 84

---

### Como citar este documento:

FERREIRA, O. da Veiga, Nova achega para o conhecimento da joalheria primitiva.  
*Revista de Guimarães*, 84 Jan.-Dez. 1974, p. 125-128.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# Nova achega para o conhecimento da joalheria primitiva

Por O. DA VEIGA FERREIRA

---

*Singela homenagem ao primeiro investigador peninsular  
da joalheria primitiva, o insigne Coronel Mário Cardoso.*

## I — *Introdução*

Por intermédio do meu velho amigo Álvaro Lopes, técnico de prospecção eléctrica e que muito me já tem ajudado na pesquisa de antiguidades metálicas, tive conhecimento da existência de uma jóia de ouro inédita pertencente ao Sr. Eng.º José Augusto Lima de Barros Rapozo que se prestou a fornecer os elementos de origem para o seu estudo. Assim foi-nos indicado que a jóia de ouro foi encontrada em 1947-48 a 800 m do Castro da Cárcoda, na freguesia de Castanhais no Concelho de S. Pedro do Sul.

Aqui deixo expresso aos dois o agradecimento pela possibilidade de poder estudar e dar a conhecer a existência de tão raro como belo objecto da joalheria primitiva.

## II — *Meio arqueológico onde foi encontrada a jóia*

A região de S. Pedro do Sul é muito rica do ponto de vista arqueológico muito embora quase inexplorada: sobressaem pela quantidade os castros da Idade do Ferro do tipo do Noroeste peninsular. Assim indicamos o

de S. Macário, o da Uca, o da Cárcoda, o do Banho (1), Paredes de S. Cristóvão, Pinho, Senhora da Guia, Santa Luzia, Serra do Crasto, Gumiei, Riba Má, Lafão, Senhora do Castelo, Picoto, Vilarigues, Campia, Crastelo, Covas e Zibreiro.

As termas romanas de Lafões ou de S. Pedro do Sul foram já objecto de exploração sumária (2).

É também conhecida do Alto da Costa, a nascente de Germinade, Freguesia de Carvalhais, Concelho de S. Pedro do Sul uma ara votiva com inscrição latina (3).

Também é esta região de S. Pedro do Sul rica em descobertas de jóias áureas. Assim indicamos, em primeiro lugar, o torques de ouro encontrado em Serrazes (4). Também em Baiões apareceram, em Junho de 1948, três colares rígidos de ouro quando se abria uma estrada de acesso à capela de S.<sup>a</sup> da Guia (5).

### III — *Descrição da jóia*

A jóia agora em estudo é uma armilha de ouro lisa mas tem no rebordo inferior e superior três frisos com canelura fina a meio e com o peso de 335 g. O diâmetro da boca é de 85 mm. A técnica de trabalho é o martelado a maço de madeira até o adelgaçamento em folha batida feito sobre molde convencional.

### IV — *Comparação e considerações finais*

Não encontrei na bibliografia consultada jóia absolutamente semelhante. Na entanto alguns vasos lisos de ouro e de prata apresentam a mesma técnica de tra-

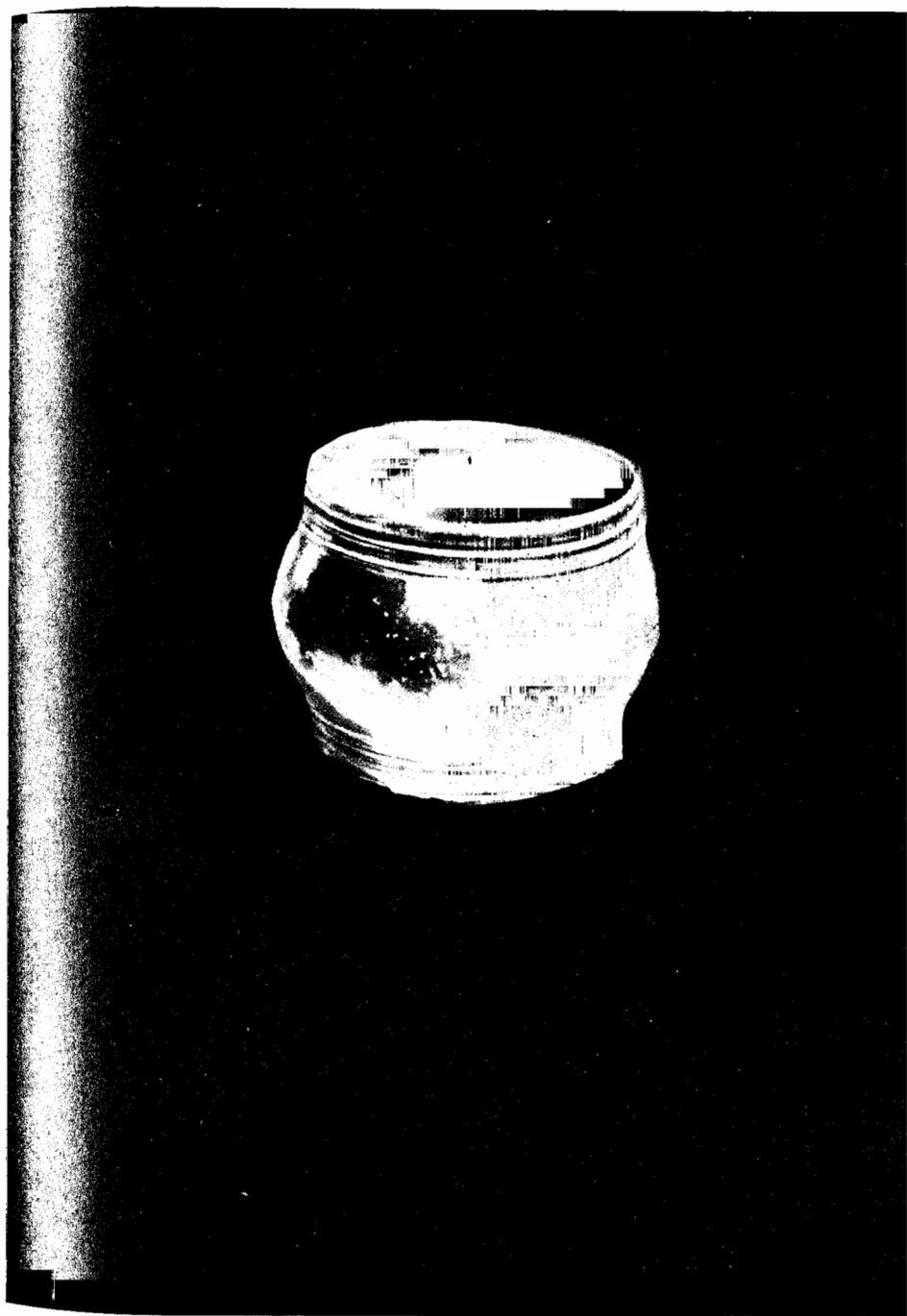
(1) C. J. Moreira de Figueiredo, «O Castro do Banho — S. Pedro do Sul», *I Congresso Nacional de Arqueologia*, vol. I, Lisboa, 1959.

(2) C. J. Moreira de Figueiredo, «Termas romanas de Lafões ou Termas de S. Pedro do Sul», *I Congresso de Arqueologia*, vol. II, Lisboa, 1970.

(3) *O Archeólogo Português*, vol. II, Lisboa.

(4) Manuel Joaquim de Campos, «Aquisições do Museu Etnológico Português», *O Archeólogo Português*, vol. XII, p. 350, Lisboa, 1907.

(5) F. Russel Cortez, «*Arq. Esp. de Arqueologia*», vol. 21, p. 275, Madrid, 1948.



balho. As armilhas conhecidas como o bracelete de Lebução têm gomos ornamentados profusamente (6). Alguns outros braceletes são em folha de ouro mas com a técnica do *repuxado* (7) como o de Estremoz (8), o de Portalegre (9), o de Chaves (10), o de Évora (11), os de Arnozela (12) e o de Hunderingen (13), etc.

A jóia da Cárcoda, agora estudada, é simples na sua confecção e é trabalho absolutamente indígena. Devêmo-lo colocar na Idade do Ferro do Noroeste peninsular tal como as outras armilhas da Idade dos Castros do Norte de Portugal e da Galiza.

A ourivesaria primitiva em Portugal é bem antiga, como já o acentuaram muitos investigadores, e entre eles o maior especialista Sr. Coronel Mário Cardozo que sempre lutou por estudar a valiosa colecção do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia de Belém (Lisboa), sempre entregue a directores incompetentes e sem talento nomeados por governo dictatorial e autoritário,

(6) Ricardo Severo, «O Tesouro de Lebução», *Portugalia*, vol. II, p. 1-14, Porto, 1905-1908.

— António Blanco Freijeiro, «En torno a las joyas de Lebução», *Revista de Guimarães*, vol. LXIII, p. 155 e sg. Guimarães, 1958.

(7) Mário Cardozo, «Da origem e técnica do trabalho do ouro e suas relações com a joalheria peninsular», *Revista de Guimarães*, vol. LXVII, p. 5-46, Guimarães, 1957.

(8) Manuel Heleno, «Jóias pré-romanas», *Ethnos*, vol. I, p. 229, Lisboa, 1935.

— Francisco Alvarez Osorio, «Notícia acerca de una joya posthallstática portuguesa», *Corona de Estudios*, vol. I, p. 35, est. II, Madrid, 1941.

— F. Russel Cortez, «O bracelete de Estremoz», *Revista Numus*, vol. II, p. 71-73, Porto, 1954.

(9) Mário Cardozo, «Joalheria lusitana», *Conimbriga*, vol. I, p. 13, Coimbra, 1959.

(10) Mário Cardozo, «Novo achado de jóias pré-romanas», *Revista de Guimarães*, vol. LIV, p. 19 e sg., Guimarães, 1944.

— Luis de Monteagudo, «Nuevas joyas pré-romanas del N. de Portugal», *Arg. Esp. de Arqueologia*, t. XVIII, p. 9 e 87, Madrid, 1945.

(11) Afonso do Paço, «O colar de Portel (Évora)», *Bol. da Junta Distrital de Évora*, n.º 6, Évora, 1965 (citamos este trabalho pois vem nele reproduzido o desenho duma armilha).

(12) Ricardo Severo, «Os braceletes de ouro de Arnozella», *Portugalia*, vol. II, p. 63-71, Porto, 1905-1908.

(13) O. Paret, «Der goldreichtum im halltzeitlichen sudwestdeutschland», *Ipek*, vol. XV-XVI, 1941-1942.

que nunca o deixaram levar por diante tão útil como patriótica missão. Diz ele, com muita justiça, num dos seus valiosos trabalhos: «(14) o tesouro que se guarda, por exemplo, no nosso primeiro museu de arqueologia, o Museu Etnológico doutor Leite de Vasconcelos em Belém, e que muitos desconhecem, é notabilíssimo em qualidade e quantidade de jóias primitivas aparecidas no nosso País. Espera de há muito a publicação de um álbum monumental com a catalogação, reprodução e descrição desses espécimes preciosos, edição que despertaria o maior interesse em todos os meios cultos estrangeiros e daria, só por si, honra à investigação arqueológica nacional».

Até hoje nada! A colecção continua praticamente por estudar! (15)

Todos sabem que a Península Ibérica é bem rica em jazidas auríferas no especial à região do Noroeste e assim as explorações mineiras antigas para a procura desse metal precioso estão bem patentes nas antigas lavras mineiras quer em poços, galerias ou gigantescas *cortas* (16).

A jóia agora estudada vem pois confirmar que o inestimável tesouro em minérios preciosos foi na antiguidade uma verdadeira realidade.

---

(14) Mário Cardozo, «Joalheria lusitana», *Conimbriga*, vol. I, op. cit., p. 1 em nota infrapaginal.

(15) Não podemos levar em conta o trabalho publicado, infelizmente numa revista estrangeira, pelo antigo director do museu, pelo de muito errado e anacrónico que possui nas poucas jóias ali apresentadas, além de não constituir sequer um esboço de catálogo. Fernando de Almeida, or fèvrerie archaique romaine et visigóthique du Musée National d'Archeologie et d'Ethnologie de Lisbonne. *Les dossiers de l' Archéologie. Archeologia*, 4-1974-Paris.

(16) Veja-se Estrabão (Geograf. III, 2, 3, 8; 2, 9 etc. e XI, 2, 19) Mela (Chrog. II, 86 etc.), Plínio Hist. Nat. XXXIII, 39, 54, 62, 66, 77, 78, 80, 96, 97 etc.); Silo Italico, I, 22 e sg. e muitos outros autores. J. Leite de Vasconcelos nas Religiões da Lusitania e O. e S. da Veiga Ferreira na Vida dos Lusitanos no tempo de Viriato e ainda o extraordinário trabalho de Mário Cardozo, já citado nesta nota, «das origens e técnica. Veja-se a imponente *corta* de Penamacor ainda inédita.